

0800

RIO

P
g.
C
o.

Bandos espalham terror no campo

Encapuzados matam, estupram e apavoram 600 famílias em assentamento na Baixada

Antônio Werneck

Terror. Essa é a palavra mais apropriada para definir a situação em que estão vivendo as mais de 600 famílias de trabalhadores rurais do assentamento Campo Alegre, no município de Queimados, Baixada Fluminense. Iniciativa que tinha o objetivo de ser o primeiro passo da reforma agrária no Rio, a mais antiga ocupação de terra no estado está completando 15 anos com medo. De janeiro para cá, cinco homens foram assassinados, seis mulheres estupradas e dezenas de casas invadidas por bandidos armados, encapuzados e que se apresentam como policiais.

A última morte ocorreu sexta-feira: Geneci Pereira, de 42 anos, foi executado com mais de dez tiros depois que suas terras foram invadidas por cinco criminosos. Sem uma ação efetiva da polícia, os lavradores estão entregues à própria sorte. O cenário está mais para um longínquo recanto do país do que para uma região a apenas 50 quilômetros do Rio.

— É a polícia. Abra a porta. Abra a porta imediatamente — gritou um dos encapuzados antes de disparar contra Geneci.

Eram 2h quando a porta da casa foi posta abaixo a pontapé e Geneci morto diante da mulher, da filha de 9 anos e de passarinhos que o lavrador gostava de cuidar quando tinha tempo entre uma e outra atividade na roça.

— Mataram o rapaz com mais de dez tiros diante da minha filha e da minha neta. Uma covardia brutal, sem explicação. Eu estou muito nervosa e nem sei se vou aguentar. Tenho dormido pouco e ainda ouço tiros quando tento dormir — conta Luzia dos Santos, de 63 anos, sogra do morto e também lavradora.

Lavradores nunca receberam título de posse da terra

A polícia tem poucas pistas, mas acredita numa disputa interna pelo controle do assentamento. Líderes dos sem-terra apostam em violência praticada por grileiros ou tentativa de invasão da área por traficantes.

A palavra violência sempre fez parte do cotidiano do assentamento de Campo Alegre — uma área de mais de 18 milhões de metros quadrados. Primeiro foram os conflitos com grileiros em 1984, quando o Governo do estado resolveu desapropriar a terra e transformar a região no embrião da reforma agrária no Rio. O Governo queria iniciar ali o que chamava de "cinturão verde" — um polo de produção agrícola. Mas o projeto não se concretizou: os trabalhadores nunca receberam título de posse definitiva da terra e a violência voltou.

Em janeiro, uma menina de 15 anos foi estuprada por oito homens encapuzados que ocupavam dois carros.

— A menina foi encontrada na beira da estrada, estava em estado de choque — diz Geraldo Carlos Machado, de 64 anos, presidente da Associação de Produtores de Mato Grosso, uma das sete entidades criadas para defender os interesses do assentamento. — O senhor pode olhar em volta: aqui se planta e nasce de tudo. É um lugar bonito e por isso alvo constante dos especuladores. Estamos assustados e não sabemos a quem atribuir tanta violência.

O estupro nunca foi esclarecido e, para piorar, no mesmo mês começaram os assassinatos. Foram mortos João Alves, de 45 anos, e Delson dos Oliveira Cruz, 39, cujo corpo nunca foi encontrado.

— Dizem que o corpo foi levado para um canto desses, queimado e enterrado — conta João Silva, de 65 anos, outro líder dos trabalhadores.

Filho de vítima diz que até hoje não sabe motivo de crime

Criador de gado de corte e de leite, Daniel Júlio, de 43 anos, foi assassinado logo depois, em fevereiro. Ele voltava para casa com amigos quando foi executado.

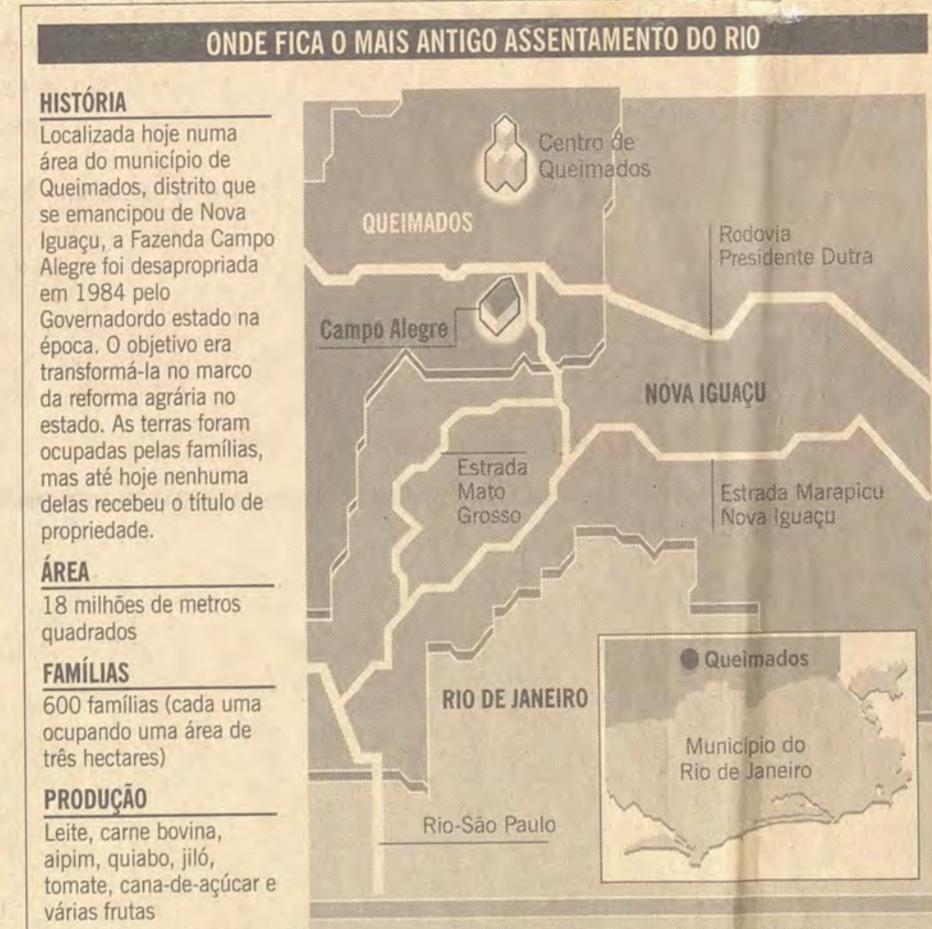
— Até hoje não sabemos o que aconteceu. Meu pai estava voltando para casa, eram 22h e, segundo os dois amigos que estavam com ele, foi surpreendido pelos tiros — diz o filho do trabalhador, que vive com a mãe e duas irmãs e pediu para não ser identificado.

O caso mais violento aconteceu na casa de Reinaldo Correa, de 45 anos. Oito homens encapuzados invadiram o local de madrugada. Enquanto ele era imobilizado, os criminosos estupraram sua filha de 20 anos e espancaram sua mulher, de 43. Reinaldo chegou a chorar ao ser forçado a assistir a tanta violência. Depois, foi friamente executado.



A CASA DE GENECI, que foi invadida na última sexta-feira por cinco bandidos encapuzados: o lavrador foi o quinto trabalhador a ser assassinado este ano em Campo Alegre, Queimados

Editoria de Arte



Área foi desapropriada pelo Governo e ocupada em 1984

Secretário de Assuntos Fundiários afirma que vai visitar o assentamento e providenciar os títulos de posse da terra

• Campo Alegre surgiu em 1984, após dois anos de pressão dos trabalhadores rurais. O Governo do estado desapropriou uma grande área depois da falência do fazendeiro Hernesto Moreira, que queria transformar as terras num grande loteamento. Logo no primeiro momento, foram assentadas 645 famílias e cada uma delas recebeu três hectares. Hoje, 15 anos e quatro governadores depois, as famílias de trabalhadores rurais ainda esperam o título definitivo da posse da terra.

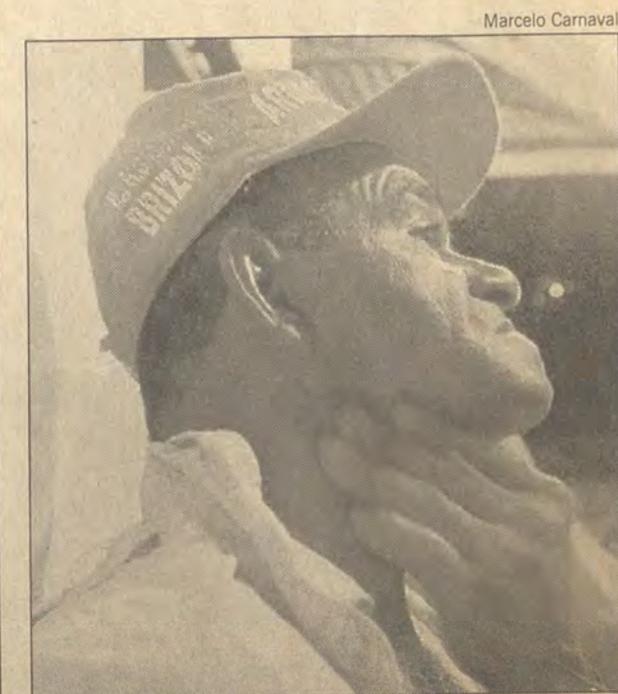
— Vou visitar o local na semana que vem. É um absurdo isso que está ocorrendo. Parece coisa de grileiros. Já formei uma comissão para agilizar o levantamento e providenciar a posse definitiva da terra para os trabalhadores — disse Carlos Correia, secretário estadual de Assuntos Fundiários, ao ser informado das mortes e dos estupros.

O maior assentamento do Rio de Janeiro produz hoje um pouco de tudo: leite, carne bovina, aipim, quiabo, jiló, tomate, cana-de-açúcar e uma infinidade de frutas. A produção é vendida diretamente aos moradores dos municípios da Baixada Fluminense ou então levada para a Ceasa e negociada lá. José Luís Rodrigues, coordenador estadual do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), acredita em duas possibilidades para o clima de terror no assentamento:

— Estamos em contato com os trabalhadores de lá e já agendamos uma reunião. Há duas hipóteses: ou se trata de conflito de terras envolvendo grileiros ou os crimes vêm sendo cometidos por traficantes de drogas, interessados nas terras por causa da proximidade da Dutra e das sedes de dois grandes municípios (Queimados e Nova Iguaçu). ■

Polícia diz que está havendo uma briga política

Lavradora conta detalhes do que ouviu quando seu genro foi executado na sexta-feira passada



GERALDO, líder rural, não sabe explicar a violência

Dona Luzia dos Santos, uma lavradora de 63 anos, tem dificuldades de andar e de falar. Em passos lentos, procura o canto do muro para apoiar o corpo cansado, levando uma das mãos ao peito. Dizendo que nem sempre foi assim, pede desculpas e culpa o coração que desde sexta-feira passada está fora de controle depois da morte do genro, o também lavrador Geneci Pereira. Dona Luzia contrariou recomendações médicas para contar detalhes do assassinato e é uma das poucas que têm coragem de falar no assunto.

— Ouvir os cachorros latindo, depois os sujeitos pedindo que Geneci abrisse a porta. Depois ouvi os tiros. Tantos que nem contei — diz a mulher.

O quinto assassinato ocorrido neste ano no assentamento Campo Alegre deixou os trabalhadores assustados. Dez famílias de trabalhadores rurais já abandonaram o local e são poucas as pessoas que quebram uma conhecida lei: a do silêncio.

O trabalhador rural Geraldo Carlos Machado, um dos líderes do assentamento, não sabe dizer as causas de tamanha violência.

— Não sei, com toda honestidade, dizer o que está acontecendo aqui. Só sei que se eles querem assus-

tar, estão conseguindo. Muita gente já deixou suas terras e foi embora — fala Geraldo.

Os assassinatos estão registrados na 55ª DP (Queimados), mas lá os policiais também não sabem ao certo o que está ocorrendo. O tenente-coronel Edson Eurico dos Santos, comandante do 24º BPM (Queimados), levanta a possibilidade de estar havendo uma disputa política na região e admite que pouco pode fazer.

— As informações apontam para uma briga política — diz o tenente-coronel.

O assentamento de Campo Alegre teve seu auge no fim da década de 80, quando os trabalhadores rurais receberam ajuda de organizações internacionais. Em espécie foram mais de US\$ 700 mil, usados para comprar máquinas, caminhões, tratores e tocar projetos de plantio de cana, maracujá e produção de ração. Durante dois anos os projetos obtiveram sucesso. Até frangos o assentamento criou. Depois o dinheiro acabou e os incentivos sumiram. Na sede da cooperativa do assentamento, os trabalhadores lembraram os dias de fartura e fizeram questão de mostrar o consultório médico completo. Tem tudo, menos médico.

10.000 m²
de área
construída
e 3.000
vagas na
garagem.
